

VIVÊNCIAS E SUBJETIVIDADES DO TRABALHO DOCENTE: seus impactos na educação, conhecimento e sociedade

*Experiences and subjectivities of teaching work: their impact on
education, knowledge and society*

Paula Caldas Brognoli¹
Maria Sara de Lima Dias²
Pedro Moreira da Silva Neto³

Resumo: Objetivou-se debater sobre as experiências e subjetividades do trabalho dos professores universitários. O estudo da subjetividade se dá ao encontro das particularidades desta profissão; é uma contribuição específica para a compreensão de uma atividade dedicada ao outro. Consideramos as reflexões dos professores com base em evidências pessoais sobre o seu trabalho. A ação do educador em seu papel de mediador nos faz compreender que tem sido o fundamento do processo educativo e do alcance social do Conhecimento, e busca a

¹ Mestre em Tecnologia e Sociedade – Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR). Email: paulabrognoli@alunos.utfpr.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3217-557X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8791354007158655>

² Pós-Doutora em Psicologia pela Universidad Autónoma de Barcelona (2016). Professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade - PPGTE. Atua na linha de pesquisa Tecnologia e Trabalho ministrando disciplinas de Metodologia da Pesquisa, Tecnologia e Sociedade e Dimensões Culturais da Tecnologia é Líder do GRUPO - TASS, Tecnologia, atividade, subjetividade e saúde. Email: mariadias@professores.utfpr.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7296-6400>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4807954398668607>

³ Doutor em Educação - Universidade Nacional de La Plata (UNLP). Atua no Projeto TUTOR - Tecnologia, Atividade, Subjetividade e Saúde. Email: casasdopedro@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3035-6887>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4328652537015326>

continuidade da formação universitária; é uma educação na qual o aluno é participante dialógico para a construção de uma referência singular que se integra, se relaciona e interage como protagonista social desde a sua formação universitária.

Palavras-chave: Trabalho docente universitário; vivência; subjetividade; educação

Abstract: It was objectified to debate about the experiences and subjectivities of college teachers' work. The subjectivity study' is given to encounter the particulars of this profession; it is a specific contribution to the understanding of this activity dedicated to the other. We consider teachers' reflections on personal evidence about their work. The educator's action in their mediator role makes us understand that it has been the fundament of the educative process and the social reach of Knowledge, and the seeks continuity to college formation; it is an education in that the student is a participant in dialogic for the construction of a singular reference of which is integrated, related, and interacts like a social protagonist since their college formation.

Keywords: Teacher college work; experience; subjectivity; education.

INTRODUÇÃO

Profundas transformações aconteceram na atividade profissional do professor universitário, as modificações legais em relação à carreira que retiraram a equiparação salarial, o tempo de contribuição para a aposentadoria, a mobilização do professor com muitos procedimentos técnicos e burocráticos.

Os mecanismos de avaliação para a ascensão profissional, capacitações em áreas divergentes, o aprendizado e apropriação de outras línguas, o estudo *stricto sensu* de uma linha de pesquisa, o

encontro com os pares em congresso, a formação adiantada como pós-doc com o imperativo de estar disponível para palestras e apresentações de estudos laboratoriais, estudos de campo, aprofundamento teórico, produção de resultados, artigos, livros, etc.

Todas as capacitações, confluem com o desenvolvimento tecnológico e o conhecimento técnico necessário, a uma sobrecarga de trabalho online em aulas, cursos, oficinas, e de forma direta por meio remoto, com o tempo extra não computado do horário funcional em homework, destituindo a sua condição de intelectual, de pesquisador, da vida acadêmica em um múltiplo agente, algo desimpedido para qualquer outra utilidade, reproduzindo no âmbito da Universidade algumas das características do trabalho flexível (Pimentel, 2022).

A vida familiar, o convívio social, o lazer, o momento para usufruir da vida artístico-cultural, o devido descanso dos finais de semana estão preenchidos por uma agenda aberta em que os acontecimentos surgem e se entrelaçam, e se estabelecem na vida cotidiana. Trata-se de uma lógica perversa às rotinas acadêmicas de um profissional de educação e pesquisa. A pesquisa como um bem a ser alcançado na demora da leitura e escrita conceitual, de medidas de efeitos de uma ação química em um laboratório, tanto em investigação teórica quanto prática são sublevadas à produtividade.

O novo contexto tecnicista produtivo para uma educação de formação ligeira para o mercado de trabalho torna-se outro desafio para os professores em sala de aula, a dificuldade de aproximação dialógica por falta de leituras laterais, culturais, ao mundo artístico, de conhecimento de base nas disciplinas chamadas duras, de acesso aos bens técnico e tecnológicos devido à velocidade em que os novos aparatos surgem da mesma forma em que se sucateiam os anteriores, e se dificulta a apropriação de novas linguagens com código aberto, e

implantando a técnica reprodutiva, a inovação e inventividade sobre o que está em copyright, como trademark e definido, refreando a criatividade.

Muitos professores estão em sua sobrecarga, e, ao mesmo tempo, sem a devida capacitação ou apropriação das novas linguagens e técnicas de uso da tecnologia, e assim, têm como melhor se relacionar com uma geração ansiosa em usar os bens tecnológicos, muitas das vezes restringidos ao celular - especialmente o aluno. Por outro lado, essa descompensação entre o bem e seu acesso fantasia uma sociedade equiparada aos plenos direitos, a ser conhecida como tecnológica e imediatista, acarretando problemas práticos pedagógicos (de Jesus, de Almeida e Rost, 2023).

Com a defasagem do profissional pesquisador, as novas tecnologias abrem espaço direto ao ensino superior em um modo mais virtual e técnico. De um lado ralenta-se a pesquisa de profundidade, e de outro, as universidades tanto públicas quanto privadas buscam corresponder às demandas do mercado de trabalho. Assim, os novos docentes dessas novas instituições, atravessados pelo conjunto dessas modificações que ocorreram na educação superior, se adaptam à convergência técnica com a tecnológica.

Trata-se de um ultimato em que o caminho civilizatório antepõe à técnica e à tecnologia o valor social humano. A tecnologia, e a respeito da técnica é muito veloz na reprodução das moralidades, e do que é costumeiro. Atua diretamente no modo de processamento, apresentação, a estética, a estrutura cartesiana, as normas e as definições regulamentares do uso, a legalidade, etc.

Podemos notar que os termos adicionais dessa ideologia compacta do capitalismo se refere à Educação como um todo, social, regular, como inovação educacional, e um projeto de metas para o

futuro profissional como termos tais quais a dizer: os professores devem ter em mente as restrições e condicionamentos dos cenários socioculturais, dos contextos econômicos e políticos e o grau de comprometimento dos inúmeros agentes educativos (de Jesus, de Almeida e Rost, 2023).

E se quer dizer que devido ao barco se define o seu estado, as suas condições como vantagem ou desvantagem de navegar conforme o balancete econômico e político. É bem mais uma questão de ordem administrativa que os bons ventos que um barco dessa natureza fica fundeado, não sai do porto. O barco social necessita de bom governo para não expedir fora, ao mar, a sua carga.

A subjetividade do docente universitário e o exercício da profissão com diminuição da remuneração salarial, longa jornada de trabalho, excesso de atividades a serem realizadas fora do horário de expediente não são desafios a seguir quando se está posto fora da embarcação dos direitos.

A subjetividade enquanto categoria teórica, aponta que o social deixa de ser uma definição fora do indivíduo, uma vez que ambos estão integrados em diferentes níveis constitutivos do subjetivo (González Rey, 2003). Estão integrados enquanto possam, devido ao bem social relacional e interativo que produz a experiência de vida, a vivência a se tornar uma singularidade. O tecnicismo e a destruição do processo educativo, do salto qualitativo, da metáfora, do encontro consigo mesmo como alguém de direito de escolhas, extermina essa possibilidade em um instrumentalismo consumista de validade entre coisas, seres-coisificados, reificados às opções.

Possibilitar ao ser humano conhecer, conforme Vygotsky (2007), o direito de aprender por mediação do professor e do processo educativo que inclui a comunidade acadêmica, interna e do entorno. Relações e interações sociais no contexto social cultural em que o processo de

ensino-aprendizagem se torna amplo, além dos espaços de coexistência a se tornar vivência e a participar da subjetividade de cada pessoa.

A apropriação do conhecimento nos modos ético e decisórios, a partir da vivência possibilita construir uma singularidade. E isso quer dizer, alguém movido a realizar uma filosofia de vida, e de um projeto de carreira futuro. A contribuir para com o desenvolvimento social a partir de sua condição (Vygotsky, 1995; 2012) em alcançar níveis mais elevados de pensamento e de produzir o salto qualitativo, portanto, crítico da realidade por ele percebida, e vivenciada.

O desenvolvimento social e científico se aproximam em um mundo melhor, democrático e de direitos, (Vygotsky, 2007, 2012) compreende que o singular se torna alguém de vivências, o seu aprendizado é social realizada com o outro, a produzir a memória afetiva, e com isso a subjetividade que o leva à se tornar um sujeito singular.

Se o professor universitário, de acordo com suas falas nas entrevistas de mestrado, consideram suas funções relacionadas a um futuro no presente, a possibilitar de forma dialógica o aprendizado, compreendendo o processo socializante na comunidade em que participa. O processo de trabalho e suas relações do professor interferem na vivência do docente universitário em sua construção diária e no seu processo de trabalho. São acompanhamentos vivenciais, trocas de experiências, aprendizados mútuos em meio aos entraves sociais, políticos e legais que limitam, desenhando fronteiras e estreitas passagens para o estudo e pesquisa.

A vivência se configura (Vygotsky, 2007) como um processo dinâmico, participativo, que envolve indivíduo e meio social, as relações e aprendizados. A atividade profissional do professor percebida como trabalho contrapõe-se ao pensamento marxista da relação produtiva e da mais-valia, nos estudos sobre trabalho Antunes (2020) ao tratar do

trabalho virtual, online, como um trabalho flexível, de superexploração do trabalho.

O que podemos compreender é que em uma atividade profissional cuja função é empoderar, promover o desenvolvimento através da formação humana. No entanto, tratamos de trabalho a atividade profissional do professor em que as condições percebidas pelos docentes no capitalismo flexível (Antunes, 2020) é a sua precarização com isso, os efeitos para com a saúde dos professores, síndrome de burnout, problemas físicos e emocionais, crise de estresse, angústia, depressão e até mesmo demência.

Em outro sentido, no caso da atividade profissional do professor universitário, a função psicológica do trabalho implica (Clot, 2006) no cuidar do ofício de forma que possa ser: impessoal, transpessoal, interpessoal e pessoal. A relação entre tecnologia e trabalho (Feenberg 2010) produz com o controle um gerenciamento da natureza pela tecnologia. Modelar a vida social, cultural e da vida natural como uma apropriação dos hábitos, da vida moral em pedaços menores que são atomizados pela tecnologia, as moralidades. Uma reprodução do mínimo ao máximo, em alta escala.

O novo autoritarismo justicializado, atuado via procedimentos legais em uma interpretação hermenêutica que retira da vida humana o conflito, colocando o problema das dificuldades do professor como uma alienação comparada a outras profissões, atividades e trabalhos. A sociedade é dividida em grupos com características ou gostos semelhantes e vive uma época conhecida como pós-moderna, a era do “conhecimento” ou sociedade inteligente (Feliciano, Seraphim e Feliciano, 2024) em que se misturam arcaísmos, com desenvolvimento tecnológico, em uma ideologia da conformidade.

Trabalho e tecnologia também são percebidos em sua íntima

associação, articulação e contradição a partir de uma perspectiva histórico crítica que considera essas dimensões como fruto de intensa atividade humana que se distancia de uma abordagem que percebe a tecnologia em perspectiva autônoma, neutra e determinista.

1. VIVÊNCIA E SUBJETIVIDADE

A categoria de vivência faz parte da construção do pensamento de Vygotsky, com interlocuções entre seus textos e com incursões em outros textos, obras, artigos não só do autor, mas também de autores contemporâneos. É através de experiências, de vivências significativas, que o ser humano constrói sua história. Vygotsky(2007) defendia a vivência como uma unidade de desenvolvimento, unidade da situação social de desenvolvimento, entendida pela relação afetiva do ser humano com seu meio.

A emoção não se distingue do pensamento, se integra na inteireza humana em sua subjetividade, são as experiências que produzem sentido, através das vivências, na vida social, e por isso de modo atuante, de forma que essa percepção do mundo é um regulador, através da emoção, o pensamento. Não havendo separação do homem com a vida, ao tratar do pensamento, a partir da teoria histórico cultural em Vygotsky, com o que experimenta, (Faria; Camargo, 2018) age e interage, a vivência como apropriação do sujeito das escolhas, o singular.

O professor é este mobilizador social do conhecimento, o mediador que promove relações sociais e sua qualificação construtora da memória afetiva, (Vygotsky, 1995, 1996, 2007) necessária para a consciência de si como elemento constitutivo da vivência social do sujeito. O sujeito constrói aí seus instrumentos, além de se reconstruir não por viver

simplesmente em seu mundo, mas por produzir um mundo para viver (Clot, 2010), no entanto esse instrumental utilitário é transformado em outro mundo, não objeto e coisificado, o mundo ético, da possibilidade, a resposta subjetiva de sua vivência:

A vivência representa a unidade indissolúvel de elementos externos e internos, que se expressam indissolúvelmente integrados em aspectos cognitivos e afetivos. A integração do cognitivo e do afetivo é uma ideia presente de uma outra forma em muitos trabalhos de Vygotsky (González Rey, 2000, p.136).

Vygotsky considera a independência das emoções em sua origem (González Rey 2000) dos processos cognitivos e integrando-as dentro de uma situação complexa da psique, que antecede à construção teórica do tema da subjetividade.

A partir da atividade do professor universitário este novo mundo social e cultural no espaço da comunidade interno-externo da universidade, da vida grupal do jovem, dos espaços específicos da formação, da sala de aula é experienciado em múltiplas vivências a produzir esta construção de uma realidade apropriada, espelhada e recodificada, re-aprendida na construção da singularidade.

Os diversos fatores que se combinam e nos levam a uma vivência muito particular estão integrados a quem faz a mediação, a quem nos acompanha, em nosso trabalho, o professor universitário. Nós atribuímos sentido a essas experiências que construímos como vivência social a cada dia.

São portanto as mediações dos docentes com as tecnologias, novas formas de dinâmica de trabalho, processos de aprendizagens, e trazem novas reflexões sobre a saúde mental e física. A subjetividade é construída no processo, e "se desenvolve e vivencia as experiências da vida social e cultural, ou seja, ao modo de ser em seu universo relacional, de cada homem" (Dias, 2019, p.156). Em que somos constituídos nas e

pelas relações sociais. As vivências constituem-se como parte da subjetividade, assim se desenhou o caminho desta investigação, no qual a vivência do docente universitário se transforma num processo sócio cultural.

A subjetividade refere-se à perspectiva da pessoa, em relação a suas opiniões, sentimentos, pensamentos e emoções, suas crenças e desejos e, seu reconhecimento enfatiza que um indivíduo não tem uma relação passiva com o mundo.

A subjetividade, que traz a emoção como parte essencial dos processos humanos criadores desse mundo de ficção, tem um papel essencial em definir realidades do homem como subjetivas e não apenas discursivas (González Rey; Martínez, 2017, p. 23).

A subjetividade (Bock 2001) é a maneira de sentir, pensar, fantasiar, sonhar, amar e fazer de cada um. A subjetividade docente, a partir de sua atividade profissional, constitui-se na relação com a objetividade, com o mundo simbólico e a cultura. A subjetividade expressa uma qualidade humana inseparável da condição cultural do homem e do próprio desenvolvimento da cultura que constrói o sujeito singular.

A subjetividade humana é inseparável do mundo simbólico da cultura dentro do qual ela emerge, mas ela não se reduz nem à linguagem, nem ao texto, nem ao discurso, atravessando todas as esferas num processo em que essas produções simbólicas socialmente geradas se configuram subjetivamente nos atores sociais e individuais da vida social (MARTÍNEZ; REY, 2017, p. 22).

A subjetividade torna-se crucial no processo de trabalho, pois cria condições internas para enfrentar as transformações nas condições do trabalho. O ser humano não é reflexo do mundo em que vive; ele produz, num nível simbólico-emocional, as suas experiências nesse mundo, ou seja, a subjetividade é uma produção humana e, portanto, tem um caráter imaginário (González Rey, 2014). As construções do sujeito estão inseridas dentro de um complexo sistema de determinantes (González

Rey, 1997) em que se expressa em vivências que mediatizam todo o processo de construção, sobre as quais o sujeito frequentemente não tem uma clara consciência.

As experiências vividas pelo sujeito produzem uma variedade de sentidos subjetivos que alimentam e desenvolvem as configurações subjetivas, as quais, mesmo diante dessa mobilidade, mantêm núcleos estáveis de produção subjetiva. (Rossato; Martinez, 2013, p. 296).

A subjetividade e o trabalho docente se integram em um corpo ativo de conhecimentos compartilhados, e se relaciona a sua vivência pessoal com a vivência como professora.

A subjetividade é um sistema simbólico-emocional orientado à criação de uma realidade peculiarmente humana, a cultura, da qual a própria subjetividade é condição de seu desenvolvimento e dentro da qual tem a sua própria gênese, socialmente institucionalizada e historicamente situada. (Martínez; González Rey, 2017, p. 27).

O trabalho do docente universitário se situa dentro de condições concretas em sua atividade em que o particular e o social interagem com o caminho a seguir para o empoderamento dos discentes a possibilitar pensamentos, reflexões enquanto vivenciam experiências e produzem saberes.

O sujeito não é uma condição inerente à pessoa, expressa em todas as áreas da vida. O conceito de sujeito qualifica um posicionamento das pessoas em grupos numa relação humana, num sistema de relações ou na realização de um tipo de tarefa. Nesse sentido, a definição do “sujeito que aprende” destaca o aluno capaz de refletir sobre os caminhos escolhidos em seu processo de formação. González Rey (2014, p. 57)

Educação como exercício para a experiência crítica, uma educação para a filosofia, que possibilita apropriação de conceitos, pensar em conceito (Vygotsky, 2012), possibilitar análise do (Schmidt e De Oliveira, 2024) poder que sempre por meio do exercício da vivência produz o saber.

Ao considerarmos a multiplicidade e dinamismo dos saberes dos professores, provenientes de diversas fontes e fortemente atrelados com suas experiências de vida, (Rufino, 2024) os processos formativos alicerçados na prática emergem enquanto condição fundamental de investigação e melhoria das ações profissionais. A subjetividade significa a síntese que produz o singular, as condições necessárias para realizar escolhas nas relações e interações sociais e culturais.

Com a subjetividade da categoria, o social deixa de ser uma definição fora do indivíduo, uma vez que ambos estão integrados em diferentes níveis constitutivos do subjetivo, por meio de uma relação dialética que pressupõe momentos de outros níveis de desenvolvimento subjetivo, seja na personalidade ou em quaisquer formas constitutivas da à subjetividade social (González Rey, 2003, p.168).

O profissional da educação superior é o mediador de altos conhecimentos, um agente social, e um facilitador pedagógico do aprendizado, um provocador, para o diálogo em sua prática voltadas para que novas configurações subjetivas aconteçam, possibilitando a formação do sujeito singular que se posiciona de forma ativa, como através de suas experiências. A subjetividade se expressa no comportamento, no desejo, nas atitudes, na linguagem e na percepção de mundo dos sujeitos.

O conceito de subjetividade se relaciona com a ontologia do ser social. Este ser que se constitui num universo de objetos nomeados pelos demais é capaz de produzir sentidos e significados sobre a realidade que o cerca. Esta produção se dá através de sentidos subjetivos forjados na base material da existência. (Manske; Dias, 2021, p. 53).

A epistemologia da subjetividade em González Rey e Goulart, (2019) busca compreender a vivência vygotskyana como um caminho para a formação do sujeito singular em que a realidade vivenciada, a de grupos sociais e instituições articulam-se complexamente na organização dos processos educativos, que se encontram, por um lado, indissociados

da história e da cultura e, por outro, voltados para a construção do conhecimento, (Mori e Rey, 2012), o sujeito constitui o social e é constituída por ele, não há relação de determinação social, tampouco a subjetividade individual se revelará por estar potencialmente presente.

A subjetividade individual e a social não formam uma relação de domínio ou determinação de uma sobre a outra, mas um relacionamento dialético e recursivo no qual os atos ou processos em cada um desses níveis podem levar a produções subjetivas no outro. González Rey (2014, p. 57)

O ensino compreendido como trabalho tem sido trivializado, com suas complexidades ignoradas e demandas diminuídas. Dessa forma, os próprios professores têm dificuldade em articular o que sabem e como sabem, segundo Rufino (2024).

CONSIDERAÇÕES

O professor universitário em um espaço delimitado por dificuldades, limites corporativos, institucionais, atrelado à ordem legal, impõe complexas situações do particular com o profissional, a responsabilidade funcional de uma atividade que busca promover e empoderar o estudante. A vivência múltipla do profissional em educação no ensino superior, apresenta todas as contradições frente às potencialidades de formação humana, e necessidades de mudança para o exercício do trabalho.

O acesso à materialidade do bem tecnológico, o aprendizado técnico para o uso educativo vai contra a corrente dos esforços do professor, em situação similar com a dos seus alunos, de promover o alcance de pensamentos complexos, conceituais, da metáfora e do aprendizado significativo. Enquanto busca realizar uma pedagogia dialógica para uma educação

A incorporação das tecnologias educacionais no fazer diário do docente é complexa, pois o docente ao manipular ferramentas tecnológicas e incluiu suas reflexões e ações didáticas a consciência do papel da tecnologia em uma sociedade tecnológica. O professor é um agente que vivencia a realidade de forma particular, interpretando-a e fazendo escolhas. Existe a complexidade do ser docente, que precisa ser pensada na constituição subjetiva e em uma perspectiva da singularidade e do individual. A subjetividade ganha espaço nas discussões sobre o contexto educacional na pandemia na forma como cada docente universitário pode ser visto, e no impacto que a formação educacional tem na trajetória de cada pessoa. A unidade simbólico-emocional, a mobilidade e diversidade da experiência dos indivíduos e dos grupos sociais (González Rey, Goulart e Bezerra, 2016). As vivências geram marcas e se refletem nas ações educativas.

Estudar a vivência e a subjetividade no período atual, é tentar compreender a produção de novos modos de ser, isto é, as subjetividades emergentes, cuja o resultado é social e histórico. O estudo da subjetividade do trabalho docente universitário permite ver a forma particular, específica de contribuição para a compreensão da vida humana e de sua vivência como docente. O docente universitário tem papel de mediador (a) como condição para o conhecimento, a fim de transmitir aos discentes tornando ciente da realidade do mundo, além de ser, estar e conviver como um protagonista desse mundo.

As vivências e subjetividades do trabalho docente universitário têm sido bastante impactadas pelas mudanças abruptas no ambiente de ensino, algumas das experiências relatadas pelos docentes universitários: Adaptação e desafios tecnológicos: A transição repentina para o ensino remoto trouxe desafios tecnológicos para muitos docentes. Aprender a utilizar novas plataformas de ensino online, lidar com

problemas de conectividade e dominar ferramentas tecnológicas para criar um ambiente de aprendizagem virtual eficaz foram desafios enfrentados pelos docentes.

Essa adaptação exigiu tempo e esforço para se familiarizar com as tecnologias e desenvolver habilidades digitais. Sobrecarga de trabalho: A pandemia exigiu uma rápida reestruturação dos cursos e a criação de materiais de ensino online. Isso resultou em uma carga de trabalho adicional para os docentes, que tiveram que dedicar tempo extra para planejar, adaptar e revisar seus materiais de ensino.

Além disso, a comunicação virtual intensificou a disponibilidade dos docentes, levando a uma sensação de sobrecarga constante.

O ensino remoto trouxe mudanças significativas na dinâmica da sala de aula. A interação cara a cara com os alunos foi substituída por videoconferências e chats online. Os docentes tiveram que encontrar maneiras de envolver os alunos virtualmente, mantendo o interesse e a participação ativa. A falta de interação presencial também pode ter impactado a sensação de conexão e proximidade entre docentes e alunos.

É importante ressaltar que as vivências e subjetividades podem variar de acordo com cada docente e contexto específico. Alguns podem ter encontrado oportunidades de crescimento e aprendizado durante esse período, enquanto outros podem ter enfrentado dificuldades significativas. O apoio institucional e a valorização do trabalho docente têm um papel fundamental na promoção de um ambiente de trabalho saudável e eficaz durante a pandemia.

Foi possível perceber como os professores sentiram estar trabalhando mais do que o normal, ao mesmo tempo em que precisaram aprender toda uma gama de recursos novos, já que parte significativa não usava tradicionalmente tais recursos. A formação do docente deve

constituir um processo no qual ele desvele ou apresente suas questões relativas ao processo educacional, às suas necessidades, carências e deficiências, às suas dúvidas no processo ensino-aprendizagem que permite refletir sobre sua própria aprendizagem, sobre a própria ação e reestruturar a prática pedagógica.

O docente é um construtor de si mesmo e de sua história, essa construção ocorre pelas ações num processo interativo permeado pelas condições e circunstâncias que o envolvem. O processo de construção da identidade profissional do docente universitário é um processo social e histórico.

Um ensino de qualidade, reforma educativa, inovação pedagógica existe a partir de uma adequada formação de docentes. Os docentes são responsáveis pelo ambiente de aprendizagem, atuam nas interações e inter-relações com seus estudantes e entre os sujeitos participantes do ambiente educacional, fazem parte das vivências e subjetividades dos discentes e das mudanças e experiência no ensino e aprendizagem.

Diante das crescentes mudanças na sociedade atual, seja no âmbito do trabalho docente no ensino superior, nas relações interpessoais entre docentes e discentes motivadas pela maneira como a informação passou a circular através das novas tecnologias, fica claro a necessidade de aprender e ensinar em esfera acadêmica desde a capacitação entre docente e discentes para que possam usufruir ao máximo das possibilidades de aprendizagem colaborativa e interativa proporcionada pelos aparatos tecnológicos, assim como elaborar materiais compatíveis com suas possibilidades.

No contexto atual, é compreensível que muitas expectativas se tenham depositado no sistema educacional, fortemente marcado como definidor de indicadores do desenvolvimento social, cultural e

econômico dos diferentes países. O conhecimento e a educação passam a ter ainda mais valor de relevância, assim como a formação dos docentes torna-se um campo de sérios desafios.

A transformação da realidade educativa passa por um melhor exercício da docência e das ações educativas no contexto da universidade e na sociedade como espaço de interação. O docente universitário é um educador agente ativo, capacitado para dialogar com outros espaços de produção de saberes e da educação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. 2 ed., Vozes, 2006.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

DIAS, Maria Sara de Lima (org.) **Introdução às leituras de Lev Vygotsky: debates e atualidades na pesquisa** [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

DE JESUS, Adriano Marciano; DE ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto; ROST, Fabio Alex. **INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**. *Revista DisSol-Discurso, Sociedade e Linguagem*, n. 17, 2023.

MORI, Valéria Deusdará; REY, Fernando González. A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, p. 140-152, 2012.

FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de; **Vigotski e as implicações da teoria histórico-cultural no contexto escolar**. Vigotski e a Inclusão: contribuições ao contexto educacional. Travessa dos Editores, 2018.

FEENBERG, Andrew. O que é Filosofia da Tecnologia? In: NEDER, Ricardo

T. (org.), A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia. p.49-65. Brasília: **Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes**, 2010.

FELICIANO, Luiz Antonio; SERAPHIM, Julia Limongi Rodrigues Ferreira; FELICIANO, Andreia Gonçalves. JUVENTUDES E SEUS HÁBITOS COTIDIANOS NOS INTERVALOS ESCOLARES. **Revista DisSol-Discurso, Sociedade e Linguagem**, v. 18, n. 18, 2024.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Psicologia e saúde: desafios atuais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 10, p. 275-288, 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC,2003.

GONZÁLEZ REY, **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando. MITJÁNS MARTÍNEZ, A. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano**, v. 13, n. 2, p. 3-20, 2017.

MANSKE, Luisa Pereira; DIAS, Maria Sara de Lima. A construção histórica de resistências e a subjetividade da engenheira. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 51-65, jul./dez. 2021.

NASCIMENTO, Otacílio Marcelino do. A educação na pós pandemia: desafios e legados. **Revista Faculdade Famen** | reffen | issn 2675-0589, v. 2, n. 1, p. 11-20, 2021.

PIMENTEL, Viviana Leite. Humor e ensino: revisão sistemática de dissertações do Programa de Mestrado Profissional em Letras nos anos de 2019 e 2020. **Revista DisSol-Discurso, Sociedade e Linguagem**, n. 15, 2022.

REY, Fernando L. González. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski. **Educación & Sociedade**, ano XXI, n. 70, p. 132-148, abr. 2000.

REY, Fernando Luis González. Educação, subjetividade e a formação do professor de psicologia. **Psicologia Ensino & Formação**, v. 5, n. 1, p. 50-63, 2014.

REY, Fernando González; GOULART, Daniel Magalhães; DOS SANTOS BEZERRA, Marília. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Educação**, v. 39, n. Esp, p. s54-s65, 2016.

ROSSATO, Maristela; MARTÍNEZ, Albertina Mitjans. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, p. 289-298, 2013.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. A constituição dos saberes docentes na perspectiva da profissionalização do ensino. **Revista DisSol-Discurso, Sociedade e Linguagem**, v. 18, n. 18, 2024.

SCHMIDT, Albano Francisco; DE OLIVEIRA, Daiani. A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO ROLE-PLAY NO CONTEXTO DO ENSINO DO DIREITO. **Revista DisSol-Discurso, Sociedade e Linguagem**, v. 18, n. 18, 2024.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamiento y Lenguaje**, Buenos Aires: Ed. Fausto, 1995.

_____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Obras Escogidas**, Tomo IV, Paidología del Adolescente. Madrid: A. Machado Libros S. A., 2012.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

BROGNOLI, P. C.; DIAS, M. S. de L.; SILVA NETO, P. M. da. Vivências e subjetividades do trabalho docente: seus impactos na educação, conhecimento e sociedade. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 9, nº 20, jan-jun/2024, p. 155-173.